

HOUELLEBECQ, Michel.

Rester vivant et autres textes.

Paris: Flammarion, 1997.

Augusto Darde¹

Seria possível, em um ambiente contemporâneo, em um momento dito pós-moderno, em plena vigência do que seria a sociedade do espetáculo, entre o crepúsculo do XX e a aurora do XXI – seria aí possível uma espécie de manifesto estético, um *Art Poétique* ou, mais especificamente, um manual para a escrita poética? Com *Rester vivant*, Michel Houellebecq responde a essa instigante pergunta.

Publicada em 1991 pelas *Éditions de la Différence*, constituindo a estreia de Houellebecq em livro, a primeira edição de *Rester vivant* passou despercebida². Logo em seguida, no ano de 1992, o autor francês seria premiado pelo *recueil* de poemas *La Poursuite du bonheur*, mas foi através da prosa romanesca que veio a conquistar um grande público leitor, feito iniciado com a narrativa *Extension du domaine de la lutte* (1994) e solidificado em escala mundial após o romance *Les Particules élémentaires* (1998). Uma escrita que faz a exposição dos valores morais do presente, costurando-se por reflexões sobre a condição existencial do homem contemporâneo, explica em parte o referido sucesso. Apesar da força midiática dos romances, ao nos debruçarmos sobre a produção do Michel Houellebecq poeta, percebemos que muitos elementos de sua reputada e polêmica prosa já são sugeridos ou, como veremos aqui, *prescritos* na sua anterior ocupação com o gênero poesia.

¹ Licenciado em Português-Francês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; mestrando em Literaturas Francesa e Francófonas na mesma instituição. E-mail: gugarde@gmail.com.

² Fato que teve influência no título da presente resenha: devido à dificuldade para encontrar a primeira edição, utilizo aqui a compilação de 1997. Meu trabalho centra-se apenas no texto *Rester vivant*, mantendo-se no título o complemento « *et autres textes* » para respeitar a referência consultada.

A definição formal de *Rester vivant* é controversa. Subtitulado *méthode*, em alguns catálogos tido como ensaio, o pequeno texto articula-se em quatro princípios: “De início, o sofrimento”, “Articular”, “Sobreviver” e “Tocar onde importa”³. Em linhas gerais e evoluindo nessa ordem, tais pilares apresentam desde uma noção formativa do indivíduo poeta até uma clara designação de sua função na sociedade. Através da pessoa « *vous* », oscilando entre o singular e o plural⁴, os leitores, poetas em potencial, são os interlocutores de uma bem marcada interlocução. Para muitos, com seu tema e pelo tom lírico-prescritivo, ainda que em prosa, o método é também - e desde já -, considerado poesia. De qualquer maneira, seria enganoso pensar que estamos frente a um texto enquadrado na “tradição moderna”⁵, em que é concedido um sensível valor à ruptura: *Rester vivant* fala bastante de permanências. Permanências em poesia, permanências no poeta.

Do título, uma breve e lógica explanação: “Um poeta morto não escreve mais. Daí a importância de permanecer vivo”⁶. É também ilustrativo um convite: “Imagine que Baudelaire tivesse conseguido se suicidar aos vinte e quatro anos”⁷. A obra traça um perfil de poeta que transcende algumas barreiras temporais, mas que parece repousar no seio do individualismo característico da era capitalista. As dificuldades da criação poética estão relacionadas à contundente necessidade de sobrevivência material, mas aí não se resumem, tampouco se integram a uma lógica de produção dominante. O artista está deslocado da coletividade, o que remete bem ao célebre *flâneur* de Baudelaire, embora o poeta *houellebecquien* se afaste por uma via entranhada: “Desenvolva em si um profundo ressentimento em relação à vida. Esse ressentimento é necessário a toda criação artística verdadeira”⁸. Teríamos em mãos uma *Poética do Maldito*? No decorrer do texto, percebemos que esse “profundo ressentimento” serve menos a um tom de expressão do que a uma profunda compreensão dos mecanismos da sociedade - e da existência. Eis uma das teses de *Rester vivant*: o esclarecimento através de uma reação passional às investidas da realidade.

O poeta, assim como os outros seres humanos, é um indivíduo formado pelo princípio do mundo: o sofrimento. Mas é sentir-se que o leva a ser poeta. Nesse ponto crucial, o método assinado por Houellebecq traz orientações concernindo permanências mais específicas. Na prescrição “Cria na identidade entre o Verdadeiro, o Belo e o Bem”⁹, não sem algum choque, o leitor contemporâneo observa uma superação (ou descarte) das gerações que buscaram se distanciar de clássicas noções de arte e moral. É importante sublinhar uma hierarquia nessa tríade: “Você não pode amar a verdade e o mundo. Mas você já escolheu. O problema, agora, consiste em manter a escolha. Eu o convido a ter coragem”¹⁰. O objeto desse poeta é a verdade. Compreendemos, em definitivo, que *Rester vivant* não trata de uma poesia desligada do organismo social, do todo que compõe o mundo. Como

3 « D’abord, la souffrance » (p. 8); « Articuler » (p. 14); « Survivre » (p. 18); « Frapper là où ça compte » (p. 24). Todos os trechos em português foram por mim traduzidos da língua francesa.

4 Algumas passagens que ilustram essa oscilação: « *Vous devez acquérir une connaissance complète de vous-même* » (p. 13) e « *Vous êtes riches* » (p. 27). Apenas no caso em que o « *vous* » é explicitamente plural, optei por “vocês”.

5 Expressão que ilustra um dos “Cinco Paradoxos da modernidade” (1990), apontados por Antoine Compagnon.

6 « *Un poète mort n’écrit plus. D’où l’importance de rester vivant* » (p. 19).

7 « *Imaginez que Baudelaire ait réussi sa tentative de suicide, à vingt-quatre ans* » (p. 15).

8 « *Développez en vous un profond ressentiment à l’égard de la vie. Ce ressentiment est nécessaire à toute création artistique véritable* » (p. 11).

9 « *Croyez à l’identité entre le Vrai, le Beau et le Bien* » (p. 26).

10 « *Vous ne pouvez aimer la vérité et le monde. Mais vous avez déjà choisi. Le problème consiste maintenant à tenir ce choix. Je vous invite à garder courage* » (p. 26).

em Rimbaud, a poesia carrega uma força de engajamento, mas não há, em Houellebecq, a obstinação pelo novo; o texto não expressa, em momento algum, a ideia de progresso - seja social ou estético. Essa averiguação não usurpa da poesia sua função de expor o verdadeiro.

Mas qual seria esse *verdadeiro*? O poeta, em seu isolamento e consequente compreensão do mundo, ainda que ingênua, estará no caminho de dizê-lo. Aqui, é possível uma outra aproximação com Baudelaire através do termo “artista filósofo”¹¹: quando o autor das *Flores do mal* atribui uma qualidade de filósofo ao artista atento à transitoriedade da noção de belo, ele está reivindicando para a arte um lugar de reflexão séria. A tentativa de aliar arte e filosofia não é, de forma alguma, nova. Aí também se enquadra o texto de Houellebecq, sustentando a poesia enquanto espaço valioso para o saber, senão mais incisivo que o próprio método filosófico ao buscar respostas fundamentais sobre a realidade. Se a poesia deve descobrir o mundo por vias “puramente intuitivas, sem passar pelo filtro de uma reconstrução intelectual”¹², ela não deve nutrir, do mesmo modo, uma filosofia; sem deixar de lado a ironia, o método *Rester vivant* prefere um *artista filósofo* a um *filósofo artista*.

Percebemos, finalmente, que o conceito mais claramente definido nesse vigoroso texto é o próprio mundo, configurado pela escassez de verdade, o que torna necessária a existência desses possíveis poetas para os quais o método se dirige e os quais pretende formar:

Escavem os assuntos de que ninguém quer ouvir falar. O inverso do cenário. Insistam na doença, na agonia, na feiúra. Falem da morte e do esquecimento. Da inveja, da indiferença, da frustração, da ausência de amor. Sejam abjetos, vocês serão verdadeiros.¹³

Se o poeta não deve conceber sua atividade nem como o homem liberal burguês, nem como o filósofo erudito, estes dois últimos inseridos em uma estrutura construída sobre modelos de produção e saber, ele é, ainda assim, um elemento social, tangente ao corpo do qual se distancia, enquanto produtor de conhecimento: “Não trabalhe jamais. Escrever poemas não é um trabalho, é uma carga”¹⁴

Rester vivant nos lembra que a poesia é, sobretudo e em suas várias formas, reveladora. O texto toca elementos importantes dos estudos literários, tais como a referencialidade, a subjetividade do autor, a psicologia do ser humano e, entre inúmeros outros, a estética, posicionando-se em um lugar antirruptura. A ausência de referências a qualquer noção de progresso pode vir a enquadrar o texto em um momento de pós-modernidade. Resta-

¹¹ Seria o artista que tem a modernidade como objeto, encontrado no texto “O pintor da vida moderna”, de 1863.

¹² « *purement intuitives, sans passer par le filtre d'une reconstruction intellectuelle* » (p. 25).

¹³ « *Creusez les sujets dont personne ne veut entendre parler. L'envers du décor. Insistez sur la maladie, l'agonie, la laideur. Parlez de la mort, et de l'oubli. De la jalousie, de l'indifférence, de la frustration, de l'absence d'amour. Soyez abjects, vous serez vrais* » (p. 26).

¹⁴ « *Ne travaillez jamais. Écrire des poèmes n'est pas un travail; c'est une charge* » (p. 17).

nos questionar sobre a validade dessa perspectiva em relação às artes, que não se mostram categóricas em nossa contemporaneidade. Mesmo que o texto insista na *verdade*, ainda assim podemos nos permitir a cautela de tê-la como uma entre tantas outras.